CMP 2.1.6.125

O verde lençol de cana se estende ao longo das suaves colinas da Estação Experimental de Piracicaba que agora vai comemorar 50 anos de existência. Cinquenta alqueires estão plantados com diversas variedades da preciosa gramínea

Quase todos os dias acorrem à EEP, agricultores e fazendeiros da região e de outros Estados que ali vão obter subsídios ao desenvolvimento de suas culturas. Também estudantes procuram a fazenda para conseguir elementos aos cursos que realiza

Piracicaba

Cinqüenta anos de pesquisas aprimoram a cultura nacional de cana-de-açúcar

A CANA-DE-AÇÚCAR é originária da Índia e da Polinésia e foi introduzida na China possivelmente antes da era cristã. Sua utilização deu-se, inicialmente, em forma de xarope. Ela foi levada à Europa logo depois pelos mouros, tendo sido cultivada na Andaluzia, Espanha, pelos idos do século XIV. As primeiras mudas chegaram ao Brasil em 1502 e em 1550 os engenhos já se disseminavam pelo litoral e em meados do século XVII, mercê do incentivo à cultura pela metrópole e isenção do imposto de exportação, o Brasil tornava-se o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo. Hoje, a nossa posição ainda é privilegiada entre os mercados exportadores e as regiões de produção.

Técnica

Pelo simples processo de esmagamento, a cana fornece de 60 a 75% de suco doce e potável que se denomina garapa ou caldo de cana, formando a base de quase todos os subprodutos obtidos dessa preciosa gramícea. Os resíduos da depuração do açucar encerram 10 a 12% de cera de cana, assim como resultam em glicose e outras diversas aplicações empregadas em farmacologia. As cinzas do seu bagaço dão adubo potássico-fosfatado. As variedades caiena e bourbon, que melhoraram a produção nacional, são originárias da Guiana francesa. Hoje, o nosso País tem na exportação da cana-de-açucar, uma das suas maiores e mais consistentes fontes de divisas.

O Estado de São Paulo é atualmente o centro da produção canavieira nacional, tendo superado a região Nordestina, antes a área onde mais se cultivava cana-de-açucar no Brasil, notadamente os Estados de Pernambuco e Alagoas que, ainda em nossos dias, plantam cana e desenvolvem a sua cultura em termos positivos.

O que levou São Paulo à liderança não apenas sob aspecto do volume da produção, como de qualidade e diversificação de variedades, foram os trabalhos de pesquisas, estudos e experimentos realizados pelo Instituto Agronomico, desde 1925, aproximadamente.

Estação Experimental de Piracicaba do Agronômico

A Estação Experimental de Piracicaba, que se localiza no Km 2 da rodovia Piracicaba-Rio Claro, tem sido há 50 anos, um reduto de aprimoramento da cultura de cana-de-açucar. No próximo dia 19, estará comemorando 50.o aniversário de fundação. Foi-lhe dado o nome de «Estação Experimental José Vizioli», em homenagem aos relevantes trabalhos levados a cabo pelo referido agronono naquela dependencia agrícola. Ela foi criada em 1928, no Governo Julio Prestes, época em que era secretário da Agricultura, o agronomo Fernando Costa, porém só foi oficializada em 1930, pelo decreto n.o 4.803-A, na Interventoria João Alberto Lins de Barros, o qual tinha como titular da Pasta da Agricultura o Sr. Navarro de Andrade. Sua organização inicial foi confiada àquele que lhe emprestou o nome, José Vizioli, que apresentou um plano geral de ação técnico-cientifica, com o objetivo de renovar os canaviais paulistas que se achavam afetados pelo mosaico.

Sua instalação deu-se em solo e dependencias cedidas pela Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz», que àquele tempo estava sob jurisdição da Secretaria da Agricultura do Estado. A área, de inicio era de 50 hectares. Hoje, ela conta com 120 alqueires, tendo cerca de 50 alqueires plantados em cana-de-açucar. Seu programa de ampliação foi inteiramente cumprido e, na oportunidade, sob direção do pesquisador cientifico José Cione, a EEP vem efetivando eficiente trabalho de melhoramento e ampliação de variedades de cana-de-açucar e de área de plantio.

Histórico

Trabalharam na Estação Experimental de Piracicaba, os técnicos José Vizioli, Ricardo Azzi, Raul Drumond Gonçalves, Antonio Correa Meyer, Antonio Branco, José Manoel de Aguirre Junior, Armando dos Santos Leal e Argemiro Frota. Eram as seguintes as suas finalidades: a) estudar a cultura de cana-de-açucar em seus diferentes aspectos; b) introduzir novas variedades de cana; c) analisar terras, adubos, etc.; d) fomentar a criação de substações; e) responder a consultas e prestar assistência aos agricultores; f) fomentar a cultura da cana para fins industriais: produção de álcool e aguardente.

Em 1941, foi designado para a chefia da EEP o agronomo Homero Correa de Arruda, que ali realizava trabalhos de assistência técnica desde .. 1937. Foi nesse ano que a Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz» solicitou do Governo do Estado, a devolução das terras ocupadas pela aludida Estação de Psquisas, o que somente foi possivel em 1944, quando, então, foram adquiridas novas áreas, num total de 204 hectares. Para a aquisição dessas terras, foi apresentada pelo agronomo acima mencionado, proposta justificando a urgente necessidade de ampliação da gleba, a fim de não sofrer solução de continuidade o já importante trabalho que vinha sendo realizado e de que passaria a depender o futuro de nossa cultura canavieira em qualidade cientifica. Ressalte-se o empenho do sr. Samuel de Castro Neves, então prefeito de Piracicaba e do sr. Melo Morais, titular da Agricultura em 1944, no sentido de dotar a fazenda do necssário à colimação de seu desiderato.

Em 1962, com a aposentadoria do sr. Homero Corrêa de Arruda, foi designado o Eng. Agr. Sérgio Bicudo Paranhos, tendo como assistente o Eng. Agr. Dercy Godoy. Em seguida, tomou posse como chefe da EEP, o pesquisador cientifico José Cione, fundador da Estação Experimental de Pariquera-Açú, setor onde permaneceu desde 1955. Trabalham na EEP tambem os técnicos Antonio Pereira de Camargo e Virgínio Bovi, ambos transferidos da CATI.

Programa

Desde que foi fundada, a Estação Experimental de Piracicaba tem como um dos principais objetivos, a introdução de novas variedades de cana-de-açúcar, fator imprescindivel não apenas à melhoria da cultura, como para evitar a ocorrência de moléstias como o carvão, o raquitismo, o mosaico e a escaldadura. Foram introduzidas variedades indianas, javanesas, americanas, argentinas e nacionais.

Com o mesmo objetivo a Estação Experimental tem colaborado com a Seção de Cana do Instituto Agronômico de Campinas, na criação de variedades IAC, já plantadas em larga escala no Estado de São Paulo tais como IAC.48/65, IAC.51/205, IAC.52/150, IAC.52./326, IAC.58/480, IAC.36/25, etc.

A cada ano aumenta o interesse dos usineiros e produtores de cana pelas mudas distribuidas pela Estação Experimental, tendo em vista a sua alta qualidade. Atualmente, são as seguintes variedades de cana de açúcar distribuidas pela Estação Experimental de Piracicaba: a) para fins industriais IAC.52/150, IAC.51/205, IAC.52/326, IAC.58/480, CB.41/14, CB.41/76, CB.47/89, CB.53/98, NA.56/62, CO.740 e CP.51/22. b) forrageiras IAC.36/25 e CO.413.

Estão sendo feitos estudos relativos à correção da acidez e a eficiência de fosfatos naturais através de uma programação de fornecimento de fosfatos naturais em quantidades suficentes para suprir as necessidades futuras, visando à ampliação da fronteira agricola do Brail, com aproveitamento de solos altamente deficientes em fósforo, como são os da região de cerrados e da Amazônia.

Trabalhos de pesquisas com relação ao comportamento de mandioca e sorgo sacarino estão sendo realizados tendo em vista, principalmente a produção de álcool para dar atendimento ao Programa Nacional de Alcool.

Além dessas, a Estação Experimental de Piracicaba desenvolve trabalho com outras culturas de interesse regional como arroz, milho, citros, café etc.

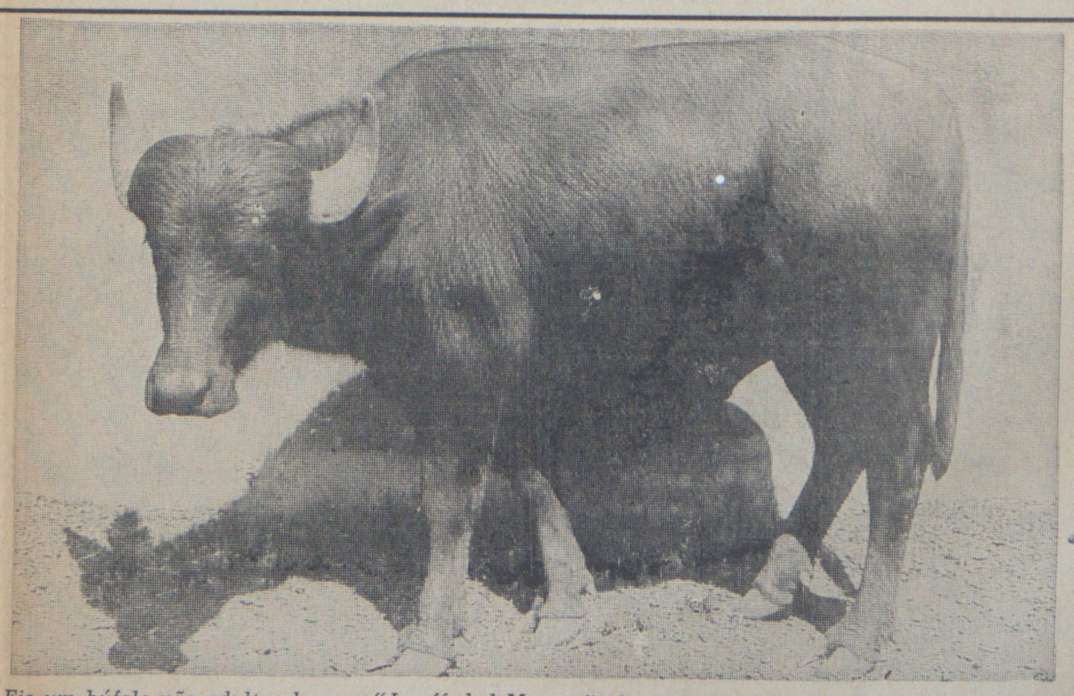
Diversificação

Conquanto seja um centro especializado no plantio de cana-de-açucar e a que acorrem além de técnicos, agricultores e estudantes de agronomia, para a efetivação de pesquisas e experimentos sobre a referida gramínea, a Estação Experimental de Piracicaba tem diversificado suas áreas de trabalho, com as culturas de mandioca, citros, bananeiras, etc. Há, no momento, uma criação de búfalos (cerca de 60 animais) da raça Jaraffaddad Murray, uma das mais raras do mundo e que fornecem além de leite de qualidade para diversos usos, como carne de primeira ordem. Os resultados vêm comprovando a necessidade da diversificação das culturas, desde que a rentabilidade agricola não prescinde de novos processos dos quais depende o florescimento das nossas atividades agricolas.

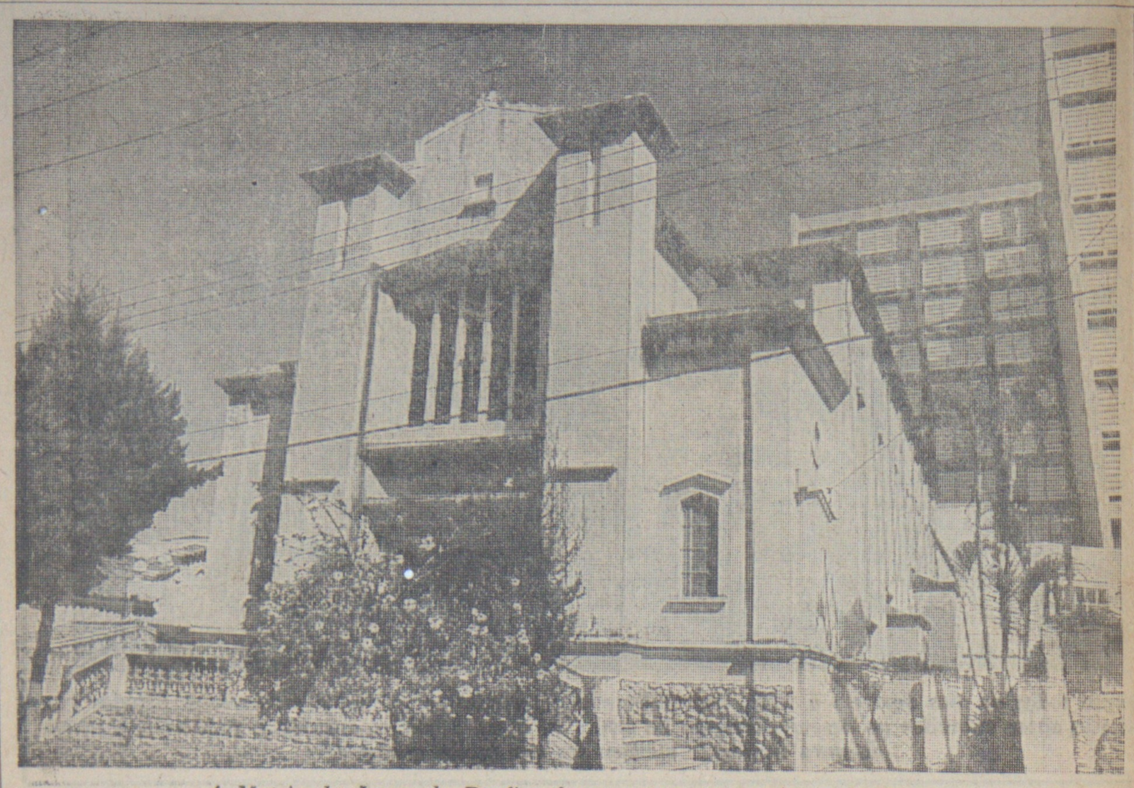
50 anos

Conforme noticiamos, a Estação Experimental de Piracicaba, que integra a Divisão de Estações Experimentais do Instituto Agronomico e que tem a dirigi-la o pesquisador cientifico Carlos Antonio Menezes Ferraz, vai comemorar seus cinquenta anos de fundação no dia 19 deste mês. Serão realizadas palestras, exposições, etc., com a presença de autoridades e convidados.

Esta gleba de latossolo já recebeu sementes de cana que dentro de pouco tempo surgirão em plena florescência, anunciando novas riquezas para a nossa economia



Eis um búfalo não adulto, da raça "Jaraffadad Murray", de origem indiana e nascido na Estação Experimental de Piracicaba. Ele forma entre dezenas de outros que em breve serão mais uma ponte de divisas para o Estado e o País



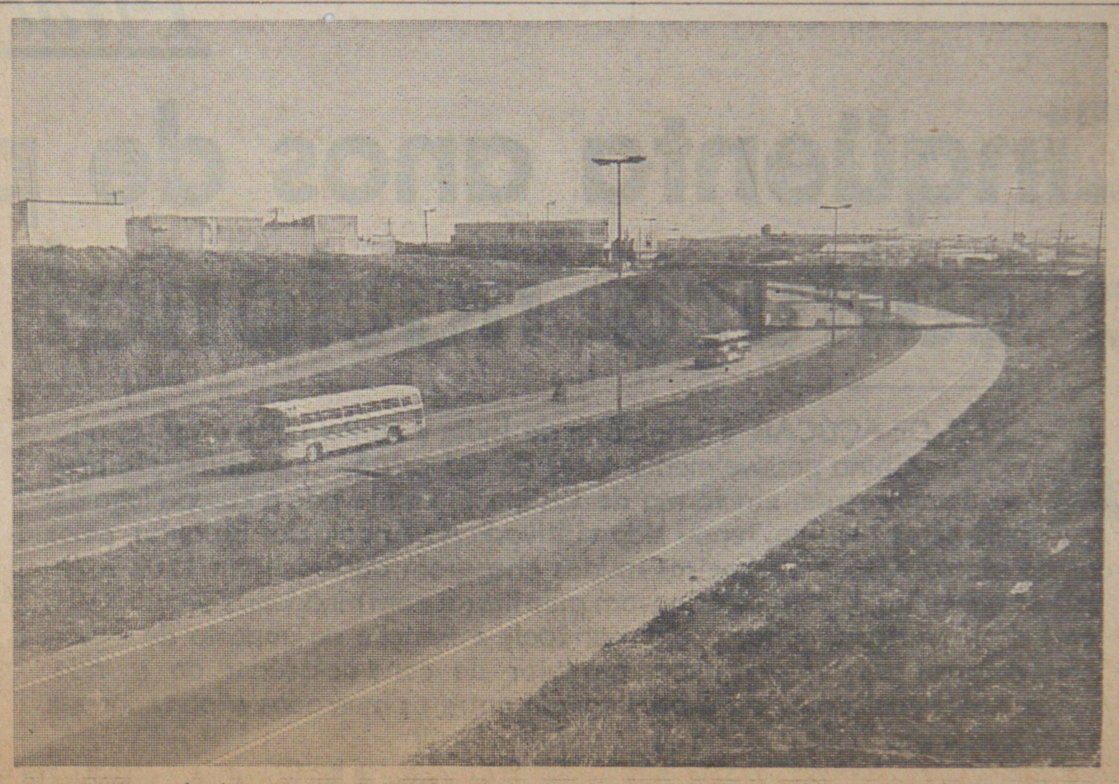
A Matriz de Jesus do Bonfim é um marco característico do bairro

Os ônibus são apontados pela população como ponto positivo no bairro do Bonfim e adjacências

Bairros:

AS INDÚSTRIAS AVANÇAM SOBRE O BONFIM

MESMO reconhecendo a carência em alguns setores e a má distribuição dos benefícios e serviços, a população do bairro do Bonfim está satisfeita com as condições de moradia oferecidas naquela área, segundo o que se pode retirar dos depoimentos colhidos junto aos moradores e comerciantes, que elogiaram a infraestrutura sanitária existente, o transporte coletivo com várias opções e o centro comercial plantado na Avenida Governador Pedro de Toledo. Como principal carência, apontam a falta de um supermercado de grande porte, que desde a perda do supermercado do SESI, transferido do Bonfim para a Vila Teixeira, tem feito muita falta.



A via expressa Suleste mudou todas as características do bairro

Há reclamações paralelas, não ligadas diretamente à administração municipal mas que pode contar com as providências da fiscalização dos órgãos publicos. Os moradores, principalmente aqueles mais próximos da área onde se localiza a IBAF, uma indústria de correntes, lamentam bastante o incômodo produzido pelo constante barulho das máquinas da fábrica, que funcionam dia e noite. A mesma reclamação de populares contra indústrias é feita pela população moradora nas imediações da Marmoraria Bonfim. Desta vez o problema não é a poluição sonora, mas a poluição ambiental, pois a empresa solta, normalmente aos sábados, um líquido esbranquiçado que se espalha por toda a extensão da rua Rafael Sales, manchando a via pública, que permanece suja até que a chuva venha limpá-la.

Falta limpeza

O morador da rua Rafael Sales, número 343, José Luis Scaramatti, que formulou as acusações sobre o barulho da fábrica de correntes e sobre a sujeira feita pela marmoraria, lamenta também a existência de terrenos baldios, pelo bairro e principalmente na área mais urbanizada, ao lado de sua residência:

— "Esses terrenos não são cuidados, o mato cresce e começam a aparecer cobras e ratos. O proprietário não constrói o muro para cercar o terreno e dá oportunidade para que ele sirva de abrigo para marginais, um problema que não temos tido desde a instalação do Distrito Policial aqui no bairro, que trouxe segurança para o pessoal".

Ele faz uma reclamação diretamente ligada às atribuições da Prefeitura, sobre a varrição das vias públicas: "uma coisa que não tem andado boa por aqui é a limpeza da rua. Nós não vemos os varredores nunca, eles aparecem só "uma vez por ano". Lamenta também a falta de mais jardins e praças públicas para a diversão das crianças, além do movimento muito intenso e do barulho de ônibus caminhões na avenida Governador Pedro de Toledo.

Mostra-se bastante satisfeito, porém, com as condições de infraestrutura básica, como saneamento, luz e asfalto, além dos transportes coletivos e o comércio: "Temos quase tudo no comércio do bairro, desde farmácias até bancos e lojas de diversos tipos com uma grande variedade de produtos. As duas agências bancárias resolvem todos os nossos problemas e evitam que a gente tenha que se deslocar até o centro".

Contas de água

Demonstrando satisfação com o bairro, "muito bom e tranquilo", que oferece escola desde o jardim da infância até o segundo grau, Maria Gilene, moradora à rua Arnaldo de Carvalho está descontente com a Sanasa, que tem apresentado contas de água muito caras, incompatíveis com o gasto real da residência.

Ela fala que a conta "tem vindo muito errada; acho que o pessoal não sabe medir direito. Precisam colocar gente competente para fazer o serviço".

Ainda sobre as contas de luz, ela tem um recado para a Sanasa: "Eles deviam colocar o vencimento para depois do dia 10. Não é segredo para ninguém que o pagamento dos assalariados só sai depois dessa data, então por que cobrar antes? Sempre tenho que emprestar dinheiro para não precisar pagar as contas de água com multa".

Maria Gilene sente muito a falta de um bom supermercado: "Tinha o do Sesi aqui pertinho de casa, mas levaram embora para outro bairro. Ele apresentava bons preços e agora, os outros supermercados estão muito fora de mão. E com a qualidade ruim dos açougues daqui, nós precisamos muito de um supermercado".

Na hora de falar bem, ela não faz economia: Além da parte escolar, que satisfaz plenamente as necessidades, ela elogia ainda o comércio e os bancos, além de duas caixas do Correio bem próximas de sua residência. Declara-se muito contendo com o 3.o Distrito Policial, que trouxe tranquilidade aos moradores: "Agora nós podemos dormir sossegados e meu marido pode trabalhar à noite, sem problemas para voltar para casa. A pior coisa é morar em bairro que tenha problemas de marginais".

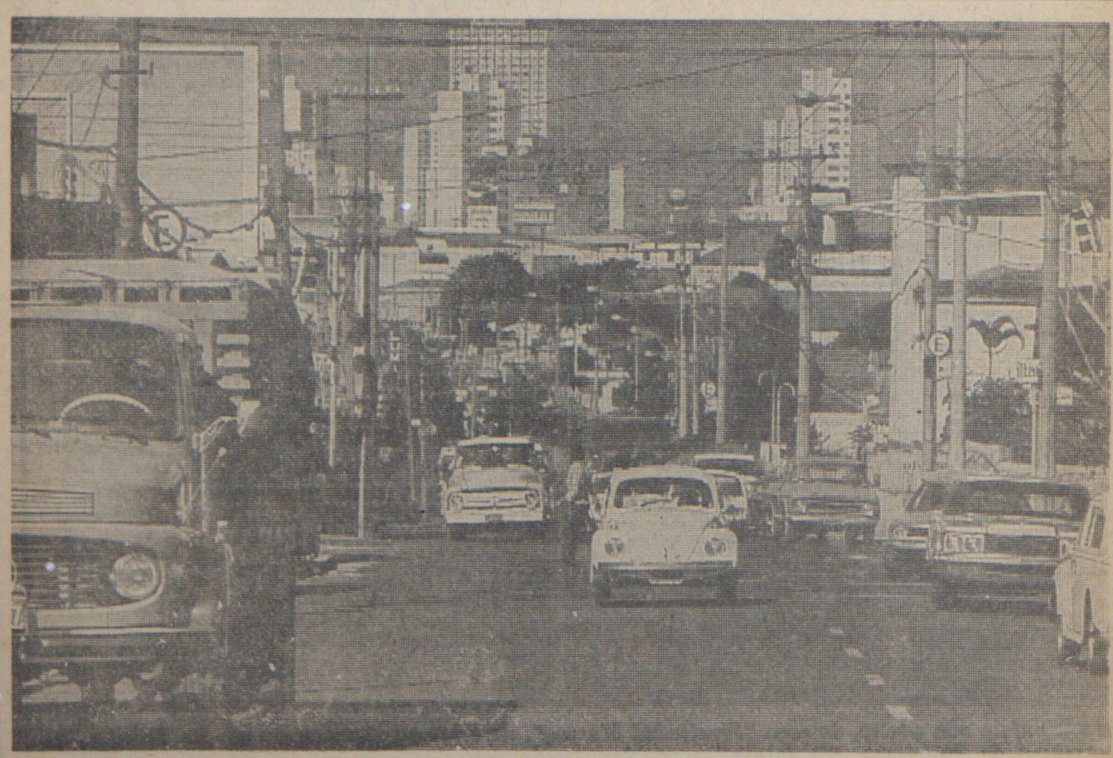
A água também é a dificuldade de Luiza Kataoka, da rua Dr. Lucio P. Peixoto: "Aqui, na época de verão principalmente, há muita falta de água. Acho que é por causa do clube Andorinha, que usa muito líquido para suas piscinas e também para limpeza. O clube então tira toda a nossa água, menos durante o inverno, quando ele não tem tanta frequência. Alguem precisava fazer alguma coisa quanto a isso".

Da mesma forma, o comerciante Armando Mazzaro, que mora e trabalha na rua Quintino Bocaiuva, reclama da falta de água e do preço cobrado:

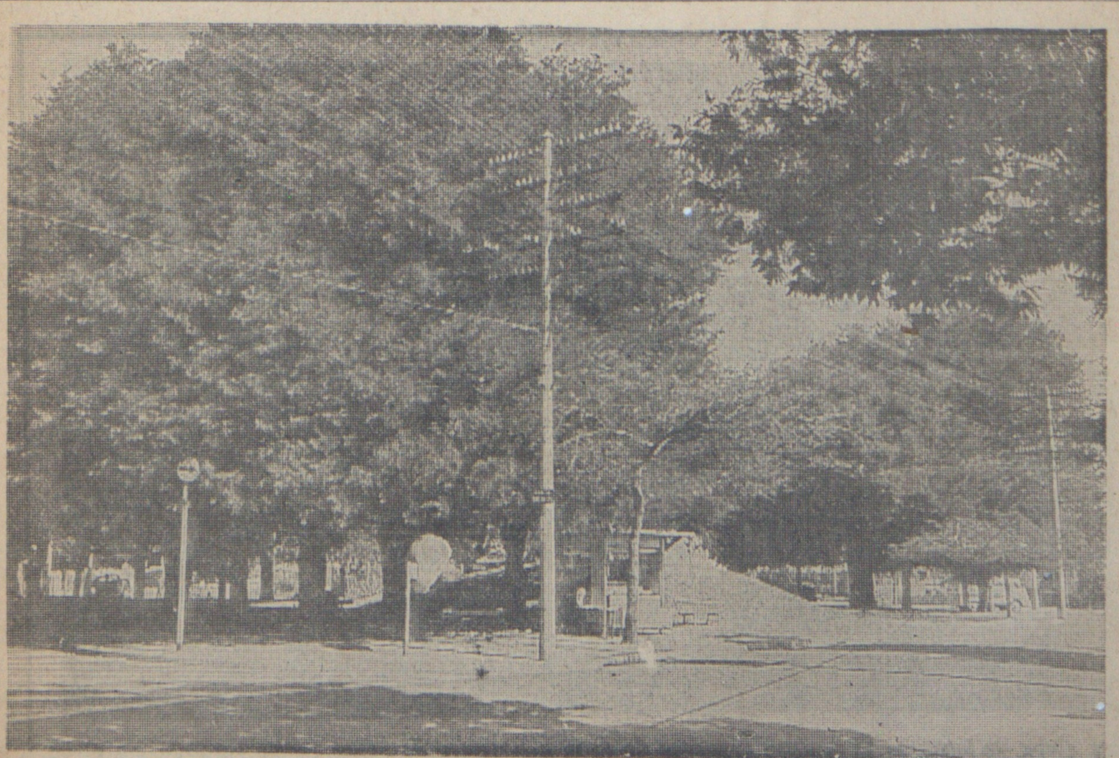
— "É uma barbaridade o que eles cobram pela água. Uma familia pequena como a minha não gasta 200 cruzeiros de água por mês. Acho que está havendo algum erro por parte do; pessoal que mede os relógios". Ele fala que o preço cobrado pela energia elétrica também é abusivo, "mas não adianta reclamar, não é?"

Na rua Rafael Sales, número 561, Ana Machado também sente a falta de um supermercado grande, reclama do barulho da fábrica de concorrentes, que às vezes solta um pó preto "que mancha nossas roupas e tem mau cheiro, e fala da falta que faz um telefone público: "Seria muito bom se pusessem os orelhões aqui no bairro, pois todo mundo precisa, com frequência, usar os telefones".

Ana Machado gosta muito da escola do bairro do Bonfim, assim como do parque infantil da Prefeitura, "que é uma beleza para as crianças". Mas tem uma observação a fazer sobre os ônibus: Quanto a transporte coletivo, aqui em nosso setor temos várias opções. Em outros lugares mais afastados, porém, o pessoal não tem esse previlégio. Acho que as linhas deveriam ser melhor distribuidas, para atingir mais gentes.



A av. Governador Pedro de Toledo continua sendo o ponto de escoamento mais importante no bairro, em direção à via Anhanguera



Por muitos anos, este Jardim foi o ponto final dos bondes para o Bonfim. Hoje é um marco tradicional na vida do nucleo residencial